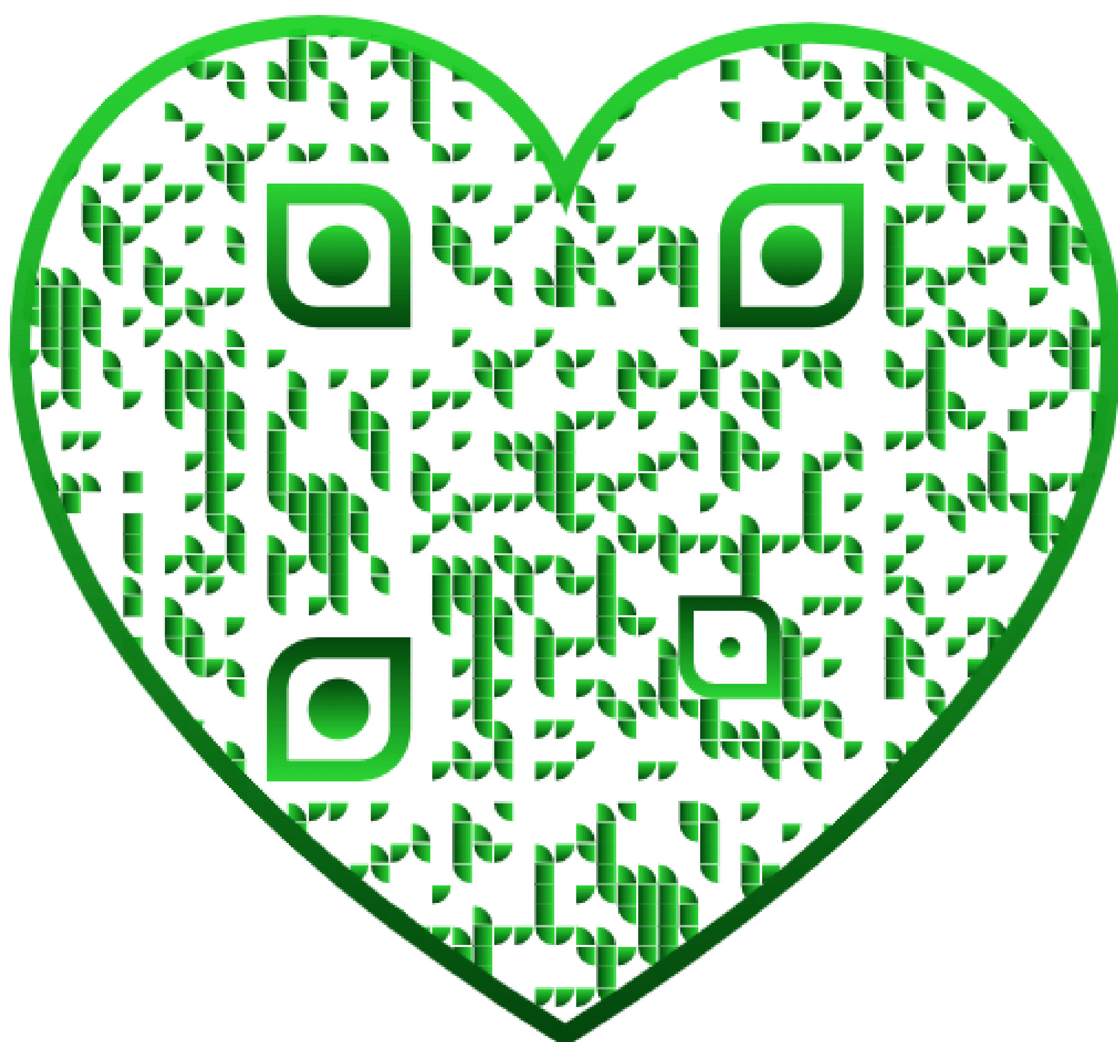
BRUNO BORGES

O Alquimista do Acre

TCE - TEORIA COMPORTAMENTAL ENZIANA



20/06/2016

São expressamente proibidas quaisquer formas de comercialização deste livro sem a permissão prévia e documentada do autor, Bruno Borges. Porém, são permitidas divulgações gratuitas e impressões físicas deste livro sem fins lucrativos, para fins de propagação de conhecimentos.

TCE - TEORIA COMPORTAMENTAL ENZIANA

Muito se tem discutido a respeito do comportamento. No tocante a isto, uma rixa enorme tem perdurado e sua instalação nos debates parece seguir percursos infindáveis, embora alguns filósofos tenham tentado, em vão, solucionar este problema.

Meu objetivo é unir duas teorias antagônicas que são tidas como impossíveis de se juntarem, isto é, a teoria comportamental Behaviorista e a teoria Psicanalítica, as quais farei questão de explicar no decorrer deste estudo. Assim como também tive como foco adicionar a teoria das inteligências múltiplas, aqui sendo entendida pela abreviação “IM”.

Tive interesse em sanar esta questão relativa à rivalidade Psicanalítica e Behaviorista após um professor lecionar a respeito desta última linha e me dizer que elas jamais se unificarão. Datei-me de súbito a questioná-lo o porquê, demonstrando enorme interesse. O mesmo respondeu-me que elas não podem se unir devido ao fato de que o Behaviorismo trabalha dentro de uma visão integralmente objetiva, deixando com isto de favorecer-se, como faz a psicanálise, da subjetividade humana para explicar as variações comportamentais.

Não dissipando minhas dúvidas, fiquei muito curioso com a possibilidade de traçar um caminho multifocal para conseguir solucionar esta barreira, ou melhor, tentar encontrar um caminho que ainda não tinha almirante e transformá-lo em uma miríade de inovações. Foi aí que surgiu um insight, como de praxe na minha vida, trazendo à tona a Teoria Comportamental Enziana.

A “TCE”, que nada mais é que a abreviação do nome desta teoria, termo que estaremos comumente utilizando, só pode ser entendida através da correlação das explicações descritivas, bem como os termos que serão explicados adiante, junto com as imagens demonstrativas, pois, sem as imagens, não pode ser demonstrado o verdadeiro intuito e interesse do autor desta obra.

LINHAS A SEREM ESTUDADAS:

- PSICANÁLISE

- BEHAVIORISMO

- INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS (IM)

Os teóricos do comportamento podem ser divididos em dois: os que acreditam que o comportamento é determinado por uma força externa, e os que acreditam que ele advém de características internas.

Meu intuito é demonstrar que tanto o determinismo como o livre-arbítrio estão corretos. Proponho a alegação de que alguns indivíduos apresentam comportamentos determinados pelo meio, e outros, devido a uma série de caracteres que estaremos abordando, conseguem moldar, nem que seja em ritmos tênues, o seu comportamento, tornando-se mais originais de si mesmos.

É interessante notar que nos dias de hoje a ciência já aceita que somos tanto produto do meio quanto produto das características inatas. Isto ajuda na estima que tenho em tentar dar uma colaboração para a Psicologia e para todo aquele que se vê em discussões assíduas a respeito do antagonismo advindo das abordagens subjetivas e objetivas.

Isto posto, a teoria do livre-arbítrio proposta pelo filósofo Daniel Dennett "define o livre-arbítrio como deliberação antes da ação" (Dennet, 1984). "Desde que eu delibere sobre tomar o sorvete (será que este sorvete vai me engordar? Será que posso compensar as calorias ingeridas fazendo exercício? Posso ser feliz se estou sempre fazendo regime?), meu ato de tomar o sorvete é escolhido livremente". [COMPREENDER O BEHAVIORISMO, COMPORTAMENTO, CULTURA E EVOLUÇÃO – de WILLIAM M. BAUM].

A teoria que estaremos vendo aqui chega muito próximo de sua linha de raciocínio, porém, utiliza de abordagens e uma metodologia totalmente diferentes.

Chega muito próximo porque vemos no ato da deliberação antes da ação um precursor do pensamento crítico e original de quem busca valorizar suas tomadas de ação. Deste modo, pressupomos que o advento do autoconhecimento e do buscar autoconhecer-se é o que pode alterar o percurso e a ação de um indivíduo, e que os estímulos mais complexos geram reforços na pessoa principalmente quando ela, por falta de autoconhecimento e de instrução crítica, é alienadamente mais propícia a ser afetada pelo que o meio provoca em seu agir. Pressupomos também que o determinismo no comportamento sempre existirá, desde que se trate de algumas particularidades como as ações reflexivas ou instintivas.

Esta é basicamente a base dos princípios que regem a TCE. Se torna oportuno, também, apresentar a explicação do porquê de as IM (Inteligências Múltiplas) estarem enquadradas neste estudo.

INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS (IM)

As inteligências Múltiplas, teorizadas por Howard Gardner, possuem ampla aceitação nas maiores escolas pedagógicas do mundo. Entende-se as IM como expositoras do fato de que cada indivíduo é dotado com uma inteligência particular de seu ser, e que, muito embora tenhamos todas elas conosco, uma poderá se sobressair diante das demais devido aos aspectos inatos. Porém, obviamente a inteligência do indivíduo é dificilmente reconhecida, principalmente porque não recebemos as instruções corretas do meio para fazer com que nosso aspecto intelectivo fecundado germine. Esta é uma situação mais que interessante, pois se analisarmos seus pormenores vemos que está explícito que a inteligência da qual o indivíduo é dotado, seja ela cinestésica; musical; interpessoal, etc. Só será trabalhada e reconhecida por seu portador quando este conseguir se conhecer de maneira plena.

Com isto, e sabendo que no limiar de nossa teoria está o ato de autoconhecimento para provocar uma ação mais subjetiva, alterando o meio mais do que o meio altera de maneira determinista o ser, se faz necessário, em um momento porvir, demonstrar que as IM têm papel nesta unificação.

Em outras palavras, nosso papel fundamental aqui é mostrar que o autoconhecimento leva a ser menos influenciado pelo meio e ter mais das caraterísticas inatas, e isto leva em conta o descobrimento de sua inteligência (IM), e que a falta de autoconhecimento, por sua vez, leva a ser mais influenciado pelo meio e menos pelas características inatas e das IM.

Assim, descobrir a si mesmo despertará suas paixões e vocações (IM) e lhe levará ao intimo biológico com o qual foi dotado nesta vida.

Consequentemente, tem mais livre-arbítrio quem se conhece, sendo menos influenciado pelo meio, e está mais sujeito ao determinismo aquele cujo conhecer-se se ofusca, sendo menos passível de agir livremente diante da matéria circundante.

Agora, fica óbvio que em tudo isto, pela lógica, todos nós tendemos a acreditar. Porém, o objetivo deste estudo se efetua com logro quando utilizamos estes postulados, nos quais bem acreditamos, para unir as teorias e explicar o porquê de seus confrontos assíduos.

Na verdade, não uniremos teorias aqui, apenas colocaremos os pontos positivos delas em voga, e, feito isto, dispersaremos os aspectos negativos com os quais elas se apresentavam e que tão somente eram responsáveis pelas nulidades que advinham do confronto das mesmas.

PSICANÁLISE

Dito sobre as IM, é preciso, agora, abordar o que tange à Psicanálise.

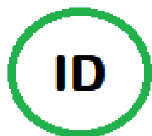
Aqui é muito simples o estudo, visto que só terá respaldo para nós, neste conhecimento rico, os conceitos bem como o entendimento do ID; EGO e SUPEREGO, termos estes que foram cunhados pelo pioneiro nesta área, Freud.

Seguindo uma ordem sutil, temos primeiramente o ID.

O ID é um princípio instintivo ou princípio do prazer que existe em todos nós. Pode ser entendido como o ato de satisfazer os instintos biológicos inatos e é totalmente "Inconsciente". Depois deste, temos o EGO, um termo muito usado no senso-comum e muitas vezes até banalizado. O EGO cumpre a função reguladora de controlar nossos desejos e nos adaptar às nossas circunstâncias. Ele é importantíssimo, pois é o próprio responsável pelo equilíbrio entre ID e SUPEREGO; fica no "Consciente" e por isto é racional, onde estão presentes as habilidades emergentes: percepção, aprendizagem, memória e raciocínio. Por último, temos o SUPEREGO, que nada mais é que o contrário do ID. Ao invés de prezar pelos prazeres sem refreamento, aqui encontraremos os desejos totalmente reprimidos, como um desejo ardente por algo que o meio em que estamos inseridos pode não aceitar, fazendo com que sejamos obrigados a reprimir nossos desejos. Leva-se em conta sobretudo as normas, padrões e valores morais. Assim como o seu extremo, o ID, o SUPEREGO para nós também é "Inconsciente" (embora a Psicanálise diga o contrário, que o ato de querer seguir as normas é uma ação consciente), porque ele priva o indivíduo, muitas vezes, da liberdade, quando exagerado (o SUPEREGO), e pode ter influência de conteúdos reprimidos no inconsciente, levando a pessoa a agir de maneira determinada e sem autenticidade, por isso aqui vemos o SUPEREGO como inconsciente.

Explicadas as características da Psicanálise que serão úteis para que possamos desenvolver nosso estudo comportamental, podemos pensar em uma imagem que facilitará a compreensão:

PSICANÁLISE | **BEHAVIORISMO** | **INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS (IM) (INATO)**



INCONSCIENTE



CONSCIENTE



INCONSCIENTE

Fiz questão de colocar os termos “Inconsciente” e “Consciente” sobre os pilares do ID, EGO e SUPEREGO, bem como agora apresenta-se como algo novo o termo “Inato” sobre as IM, pois antes eu não havia abordado esta questão com suas particularidades, mas agora sim.

A imagem acima serve para percebermos que quanto maior o desenvolvimento do EGO e de seu trabalho a fim de equilibrar o ID e o SUPEREGO, mais o agente que faz uso deste trabalho frutífero atuará de maneira “Consciente”, o que o ajudará a se autoconhecer e a moldar seu rumo ainda mais, o que nos leva também à afirmação de que consciência gera mais consciência. Já o desequilíbrio, quando se tem como peso protuberante na balança o ID, alimentando-se de todos os prazeres que os sentidos almejam, ou o SUPEREGO, inibindo-se de todas as vontades e vicissitudes humanas por conta da repressão do meio, levará o usuário a atuar de maneira “Inconsciente”, fazendo-o cada vez mais submerso no não-favorecimento da incapacidade de conhecer a si mesmo, e levando-o a agir até mesmo de maneira integralmente moldada pelos estímulos que o meio lhe incute (SUPEREGO) ou pela sua natureza selvagem, seguindo às cegas os prazeres mundanos (ID).

Mas isto não é tudo. Poupem-me da defesa impetuosa, que eu poderia fazer, da alegação de que todos estes princípios apresentados estão longe de serem totalmente entendidos, e de que o leitor que acredita já ter entendido totalmente o funcionamento da TCE e que não concordou com o seu discorrer já pode, com isto, ignorar o restante. Não, esta não é a maneira lúcida da inteligência agir e sabemos que um dos códigos da inteligência é assumir erros, bem como entender que em todas as divergências há algo para se tirar de útil. Portanto, continuemos com as outras explicações para que a água possa fluir

sobre o rio e que este não se esvaia por falta de conhecimento a respeito de seus fluxos.

BEHAVIORISMO

No tocante ao Behaviorismo, levaremos em conta todo o seu corpo de estudo central, especialmente o Behaviorismo radical, cujas finalidades têm se mostrado, nos aspectos teórico e prático, bem completas.

Não cabe a mim, lógico, explicar os pormenores de maneira assídua, mas sim, elevar apenas os pontos que serão iminentes para com a construção, elaboração e conclusão deste estudo.

O Behaviorismo é uma ciência do comportamento que visa examinar os aspectos mais objetivos do comportamento humano e dos animais, sem fazer recurso à introspecção, negando, por vezes, todo o aspecto mental.

Fatos observáveis que os behavioristas colocam em experimentação e são facilmente visualizados serão aqui utilizados para alicerçar a base teórica que dá vida a todo este processo. Assim, comportamentos podem ser respostas de estímulos e isto é algo óbvio e explícito no dia a dia dos homens.

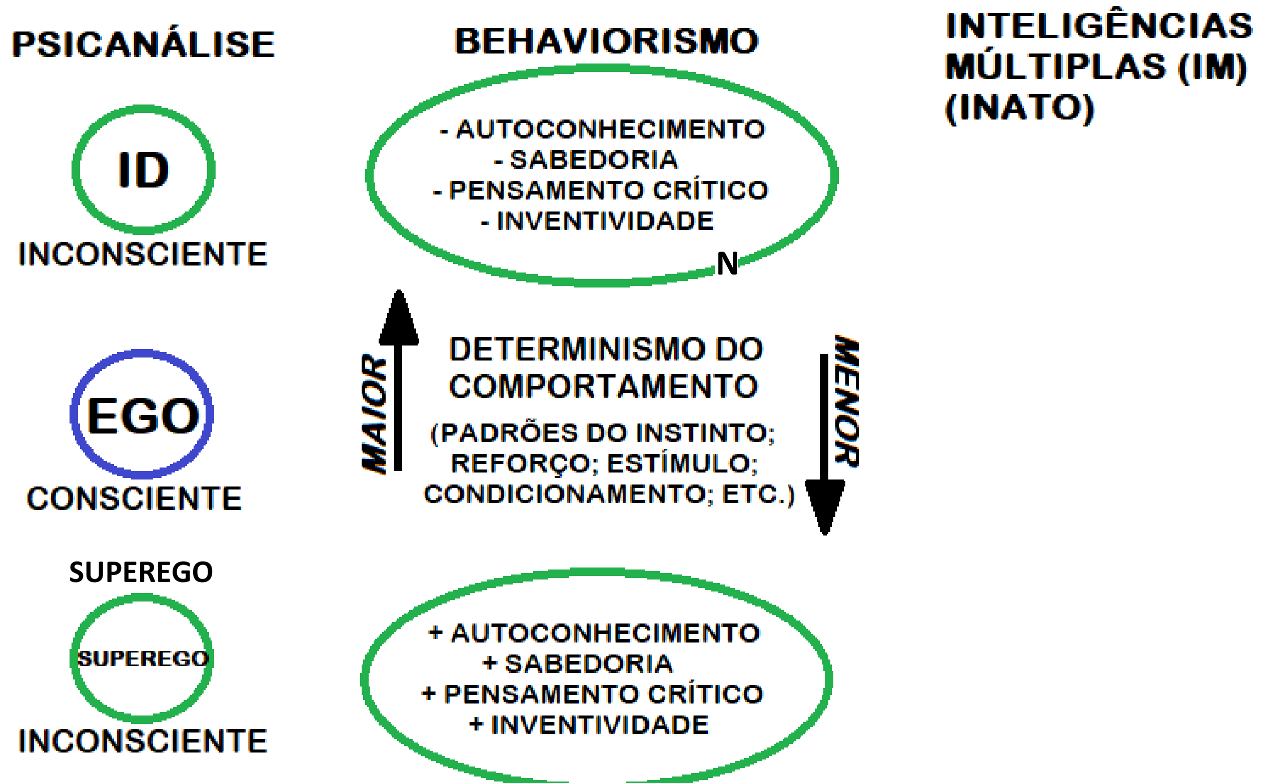
Ações como espirrar são chamadas de reflexos comportamentais porque são precedidas por estímulos biofísicos, como, no caso, uma coceira no nariz, ou como um sopro no olho antecede um piscar. Denomina-se padrões fixos de ação reações comportamentais um pouco mais complexas, como o ciscar dos filhotes ou uma dança de acasalamento trazida à tona por um instinto dos animais. Condicionamento respondente pode ser entendido como um novo reflexo, condicionado à experiência, por meio de aprendizado. Um rato, assim, ataca outro quando recebe um choque elétrico na presença deste. E, para não deixar faltar, os famosos “reforçadores e punidores”, os quais chamam-se reforçadores porque tendem a fortalecer o comportamento que os produz, e punidores porque tendem a suprimir o comportamento que os produz. Evidentemente, se o alimento puder ser obtido por meio do trabalho, então a pessoa trabalha, e isto é um reforço. Já se eu quero acariciar um gato e ele me arranha, eu não farei mais isto, e isto será um evento que provocará menos comportamentos com esta tendência, sendo o arranhar uma punição.

Além destas peculiaridades, tem-se: “Reforço Positivo (Reforçador); Negativo (Punidor); Punição Negativa (Reforçador) e Positiva (Punidor)”, como exemplos extraídos do livro de William. M. Baum: “(...) a dependência entre trabalho e alimento é um exemplo de reforço positivo, porque a relação tende a fortalecer ou manter a atividade. Escovar os dentes e desenvolver cáries é um reforço negativo, pois quem tende a manter a escovação dos dentes (reforço) é quem quer tornar a cárie menos provável (punidor). Caminhar sobre placas de gelo e cair é uma punição positiva devido ao fato de tornar o caminhar sobre o gelo menos provável (punição) e tornar a queda mais provável (positiva). E fazer barulho durante uma caçada e pegar a presa é uma punição negativa, já que a

relação tende a suprimir comportamentos ruidosos (punição) e fazer barulho torna o pegar a presa menos provável (negativa)".

Valendo-se da noção de que pode ficar pouco flexível passar pelos termos e conceitos por vezes técnicos demais de maneira muito rápida, podendo com isto dificultar o entendimento, é que consideramos aceitável falar brevemente sobre seus funcionamentos. De maneira resumida, o Behaviorismo está bastante envolvido com a questão de estímulo e resposta. Uma tempestade estimula a pessoa, frente ao perigo, a ficar dentro de casa. Estímulos que seguem padrões genéricos, como ir ao banheiro porque seu corpo exige, ou até mais complexos, como evitar comer camarão por ter alergia, são todos abordados e estudados, vistos e percebidos como passiveis de acerto, gerando assim, múltiplos conceitos como aqueles descritos acima. Aqui, pois, verifica-se que, dependendo da ação, pode-se gerar uma punição negativa, ou um reforço positivo, ou até mesmo permanecer como um aspecto reflexivo do comportamento.

o sinal - é de menos



Se, por um lado, a Psicanálise gerou informações para a nossa tabela explicativa, que só tende a crescer daqui para frente, fazendo alusão ao nosso desenvolvimento do conteúdo, por outro, surte o mesmo efeito esta nova ciência do comportamento que estamos desenvolvendo, à qual agregaremos:

No que tange à linha Behaviorista, seu adendo foi posto sobre o pilar central como "Padrões de Comportamento Determinados (Instinto; Reforço; Estímulo; Condicionamento; etc)". Além disso, observa-se, agora, a descrição "Autoconhecimento; Sabedoria; Pensamento Crítico e Inventividade", isto será

importante explicar posteriormente. Porém, no exato momento fica a observação de que embaixo estes caracteres estão todos acompanhados do símbolo de soma, de acréscimo. E, em cima, por sua vez, há um símbolo de diminuição, isto é, tem-se, no cumprimento destas exigências, uma atenuação. Pode-se finalizar com as setas indicativas e os símbolos que cada uma leva consigo, sendo uma seta que indica para cima, demonstrando que os padrões de comportamento determinados tendem a se elevar quando o homem tem pouco autoconhecimento, bem como as outras classificações. E os padrões de comportamento determinados diminuem conforme estas taxas engrandecem.

Sobre o autoconhecimento, eu deixei claro no início desta obra que eu faria uso dele para aludir que o homem tem um escape do comportamento determinista.

Se para o Behaviorismo o autoconhecimento pode ser entendido como um tipo de comportamento, para nós, da TCE, se faz preferível uma outra visão sobre o mesmo. Além de que, para nós os termos da imagem: Sabedoria; Pensamento Crítico e Inventividade; não são mais que categorias que derivam dele.

Se quisermos entender o autoconhecimento do nosso ponto de vista, temos que levar em conta o aspecto biológico e as características inatas, visto que as IM, ou seja, inteligências múltiplas, como falamos antes, são para nós algo que vem de uma herança genética. Portanto, se compreendemos que a maior parte dos genes que um indivíduo herda foi selecionada ao longo de muitas gerações porque promovem comportamentos que contribuem para o sucesso na interação com o ambiente e na reprodução, então é deste tipo de autoconhecimento que estamos tratando. É trazer à tona os aspectos genéticos, desde que estes sejam referentes aos aspectos positivos, para o ambiente, sem deixá-los, com isto, ofuscados e impedidos, deixando de se tornarem ativos pela falta de oportunidade que o meio oferece.

Se o indivíduo puder trazer para a prática aspectos herdados positivamente, e isto vale especialmente para os aspectos cognitivos e seu tipo de inteligência (IM), para contribuir com seu sucesso na interação com o ambiente, então este ser terá consequentemente um maior controle do ID e do SUPEREGO por meio do EGO, por conhecer-se melhor, já que está intimado com seu interior (interior, aqui, são os aspectos genéticos positivos herdados). Então o ID não ficaria extrapolado, pois saberia até onde ir com seus limites a fim de não se prejudicar, nem tampouco o SUPEREGO, pelo mesmo raciocínio. E, para a linha do behaviorismo, estaria o próprio se diferenciando das contingências de reforço e de muitos comportamentos complexos recebidos principalmente por estímulos.

Quando, sobre o pensamento behaviorista, falo que nos homens se tem certa variação que torna o cálculo exato passível de erro por meio do autoconhecimento, propagando a herança genética a fim de transformar o meio, não falo sobre os comportamentos triviais, como reflexos ou padrões fixos de ação. Até porque o que é inerente ao instinto, como necessidades, fisiologia,

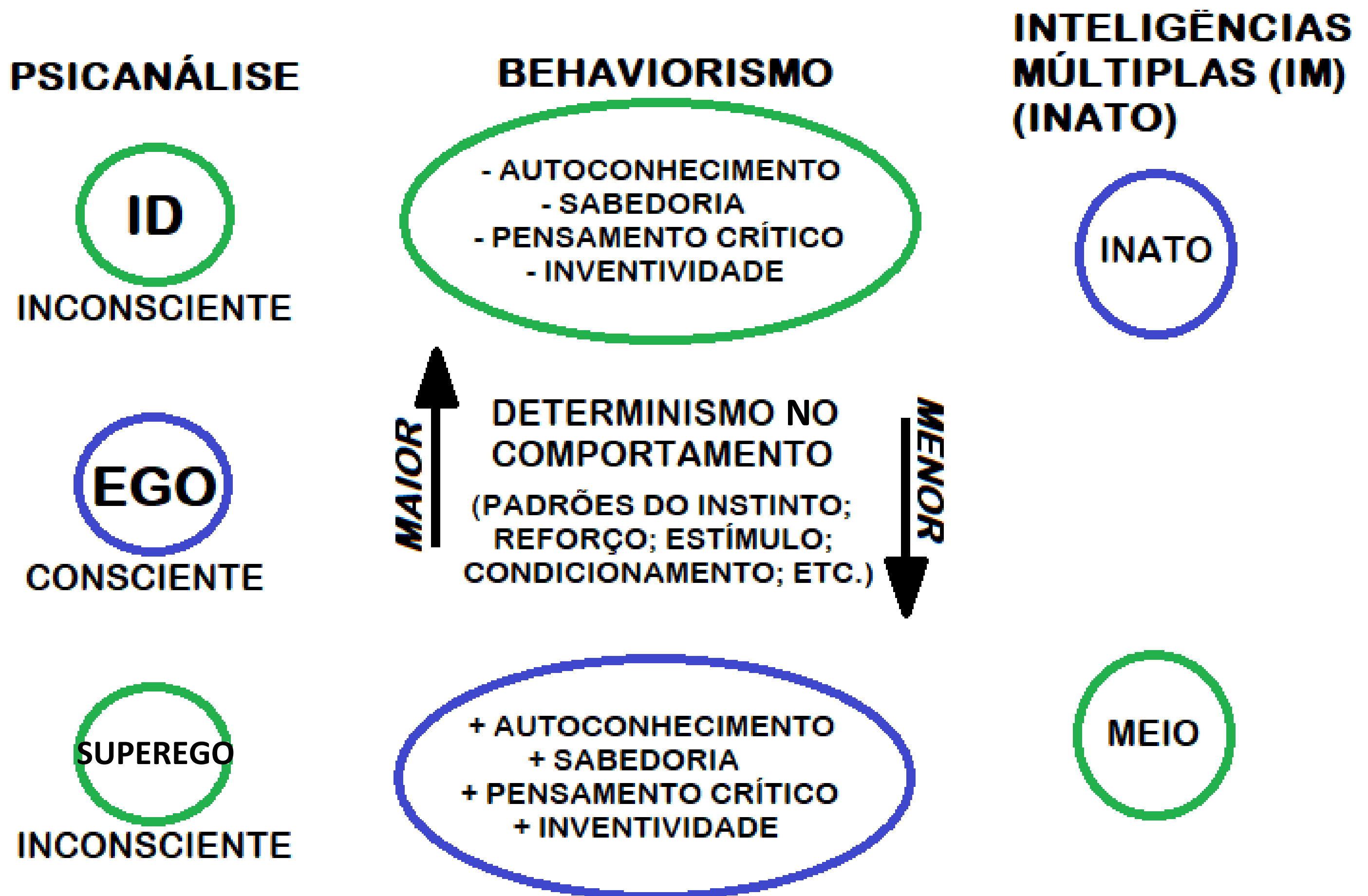
fisionomia, etc. Irá funcionar muito melhor e com mais exatidão estatística nas generalizações humanas em aprendizagens operantes.

Já os aspectos intelectivos e cognitivos, como ler, aprender cálculos, são algo muito mais complexo. Essa complexidade admitida pelos behavioristas é a causa de os mesmos não adentrarem facilmente nos comportamentos operantes, o que é justamente o que diferencia o homem dos outros animais, isto é, sua inteligência e seu aspecto cognitivo, bem como a linguagem, responsável por transformar a natureza. Estes últimos estão intimamente ligados com o autoconhecimento, que nada mais é que o aprimoramento da inteligência, transformando o meio e absorvendo conhecimentos cada vez mais complexos, a fim de conhecer sua própria natureza, ou seja, seu padrão genético vindo à tona. Vê-se como, assim, algumas pessoas podem escapar do comportamento determinista e operante.

A sabedoria advém justamente deste aspecto do autoconhecimento de propiciar ao homem a herança genética positiva, sem que ela seja ofuscada pelo meio. E isto é o mesmo que compreender, pouco a pouco, sua natureza. O pensamento crítico, obviamente, conforme se analisa e observa nos movimentos naturais externos, faz o indivíduo absorver conhecimentos mais complexos (o aprimoramento intelectual faz parte de conhecer-se), e o mesmo vai ficando cada vez mais desconfiado dos estímulos que tentam embebedá-lo, e por sua vez torna-se o pensamento crítico, e fará jus da diferença no recebimento dos estímulos do ambiente, pois enquanto os estímulos influenciarão mais facilmente a grande maioria, este ficará mais propenso a seguir outros padrões.

E a inventividade se dá naqueles que se põem a transformar o meio. É um aspecto importante e sua proeminência ocorre exatamente quando o ato de gerar novos padrões faz com que se diferencie do famoso aspecto do comportamento reforçador, pois quando ficamos por um certo tempo em um comportamento reforçador, ele tende a ficar cada vez mais poderoso. Mas, na mente inventiva, alguns são capazes de separar-se destes vícios e abster-se dos mesmos, por mais que tenham lhes ensinado deles pelo condicionamento de toda uma vida. Sua mente criativa sempre opta pela experimentação do antagonismo ou de algo incomum, no qual existe pouco reforço, se comparado àquilo do qual resolveu, agora, abdicar-se.

Se, para nós, o autoconhecimento é condizente com a forma pela qual o aspecto inato aflora no ser, e, por sua vez, a atenuação provoca menos trabalho com sua natureza genética positiva, fazendo com que o ser seja mais influenciado pelo meio e este tenha mais valor, então agora podemos colaborar acrescentando mais informações à nossa tabela de estudo:



Fiquemos atentos a esta imagem, pois, embora não necessitemos discorrer sobre ela agora, iremos posteriormente. E, neste momento falaremos, então, sobre alguns pecados behavioristas admitidos na sua própria comunidade, e que são a chave para que acoplemos (nesta falha) o que faltava, ou seja, a explicação Psicanalítica e a geração de autoconhecimento aqui já definida.

O fato é que os homens adotam comportamentos diferentes dos outros animais, e que, muito embora percebamos que os outros animais seguem um padrão instintivo, cujos comportamentos tendem muito mais para os termos behavioristas básicos, como comportamentos reflexivos, e pelos quais os homens diferenciam-se, por não seguirem padrões tão determinísticos, pode-se alentar para o fato de que o ser-humano também age praticamente como os demais.

Porém, são nestes nuances que percebemos justamente que há algum aspecto fugidio no comportamento humano. Nós nos transviamos constantemente da natureza primeira, e por vezes tomamos ações contrárias aos princípios naturais. Deste jeito é que se percebe em algures pessoas que tiram sua própria vida a troco de nada (diferentemente da cascavel, por exemplo, cujo macho se deixa morrer voluntariamente para alimentar a fêmea, e consequentemente as crias, após ter passado os genes adiante). Também notamos que nós, estranhamente, nos privamos de comida, fazendo jejuns cujo

fim independe. Outrossim, alguns não comem aquilo que é inerente aos seus organismos, mas sim iguarias que não são condizentes com os nutrientes fundamentais à espécie. Enquanto o orangotango ensina seus filhos quais alimentos, na natureza, quais tipos de folha são comestíveis e quais são venenosas, têm-se os amantes de esportes radicais, que arriscam suas vidas por conta da adrenalina. Este último pode ser a chave, uma vez que ele só se põe em risco na atividade radical por almejar adrenalina. É verdade que em todos estes podemos aplicar o princípio de causa e efeito: um tira sua vida porque deseja algo com isto, já o outro come uma comida nociva pelo sabor que esta lhe propiciará. Em suma, o universo inteiro funciona desta maneira, ação e reação. Todavia, percebe-se mais facilmente a causalidade agindo nos outros animais do que nos homens, e essa variação em maior protuberância gera a dúvida a respeito da exatidão dos estudos behavioristas.

O behaviorismo, generalizando, nos diz que uma pessoa age para que algo venha a ocorrer e a ordem é temporal. Deste modo, o propósito do corredor é alcançar a meta e jogamos gamão a quatro com o propósito de levar nossas peças à vitória.

Nem todos os voluntários humanos irão ter os resultados requeridos pelos experimentadores cientistas que lhes atribuem estímulos com o intuito de adotarem algum objetivo específico.

Um caso comum do que estamos tentando abordar é um experimento behaviorista ocorrido em 1919, com um bebê chamado “pequeno Albert”. O submeteram a inúmeros testes emocionais, aonde ele teve sessões de brincadeira, com estímulos positivos, e depois com estímulos negativos, acionando ações instintivas de medo e pavor. Para resumir, o bebê generalizou seu medo por uma determinada coisa para as demais coisas, por mais que estas outras não gerassem medo em um bebê comum. Porém, ao aplicarem o mesmo experimento no mesmo bebê, utilizando itens diferentes, percebeu-se que não teve a mesma eficácia, fazendo com que muitos pensassem que o resultado não tinha sido totalmente conclusivo.

Agora, não só demonstrando que em alguns casos as experimentações podem ter variância num determinado individuo, também temos um relato e uma opinião dada por um eminente Psicólogo, em relação às variações com diferentes pessoas, de diferentes idades, que ocorrem no ser-humano e que, em outros animais, é, em sua maioria das vezes, muito improvável que ocorra, pois eles seguem padrões instintivos de maneira muito mais agressiva.

“A velha teoria do estímulo e resposta” da escola behaviorista afirmava que crenças e desejos não tinham relação alguma com comportamento – de fato, que eram tão não-científicos quanto uma lenda folclórica ou a magia negra. Humanos e animais emitem uma resposta a um estímulo seja porque este foi anteriormente associado a um reflexo desencadeante de resposta (por exemplo, salivar em resposta a uma campainha que foi associada à comida), seja porque a resposta foi recompensada na presença desse estímulo (por exemplo, empurrar uma barra que libera um bocado de alimento). Como observou o

célebre behaviorista B. F. Skinner: ‘A questão não é se as máquinas pensam, mas se os homens pensam’.

Obviamente, homens e mulheres pensam, a teoria do estímulo-resposta revelou-se errada. Por quê Sally saiu correndo do prédio? Porque acreditava que ele estava pegando fogo, e ela não queria morrer. Sua fuga não foi uma resposta previsível a algum estímulo que pudesse ser objetivamente descrito na linguagem da física e da química”.

Algumas experiências findam em erro ou dúvida. Isto serve para corroborar ideias sobre algumas supostas falhas behavioristas, visto que mostram que alguns homens não seguem o mesmo padrão que outros. Além disso, ainda não analisamos o choque que elas causam nas outras teorias que este estudo faz, a fim de tentar unir todos estes antagonismos. No que se refere a este pormenor, vale a pena ressaltar:

“Com frequência se afirma que os humanos não têm instintos além das funções vegetativas; dizem que raciocinamos e nos comportamos com flexibilidade, libertos de mecanismos especializados. (...) isso não se deve a termos menos instintos do que outros animais: deve-se a termos mais. Nossa alardeada flexibilidade provém de numerosos instintos reunidos em programas e postos para competir entre si.” [Steven Piker].

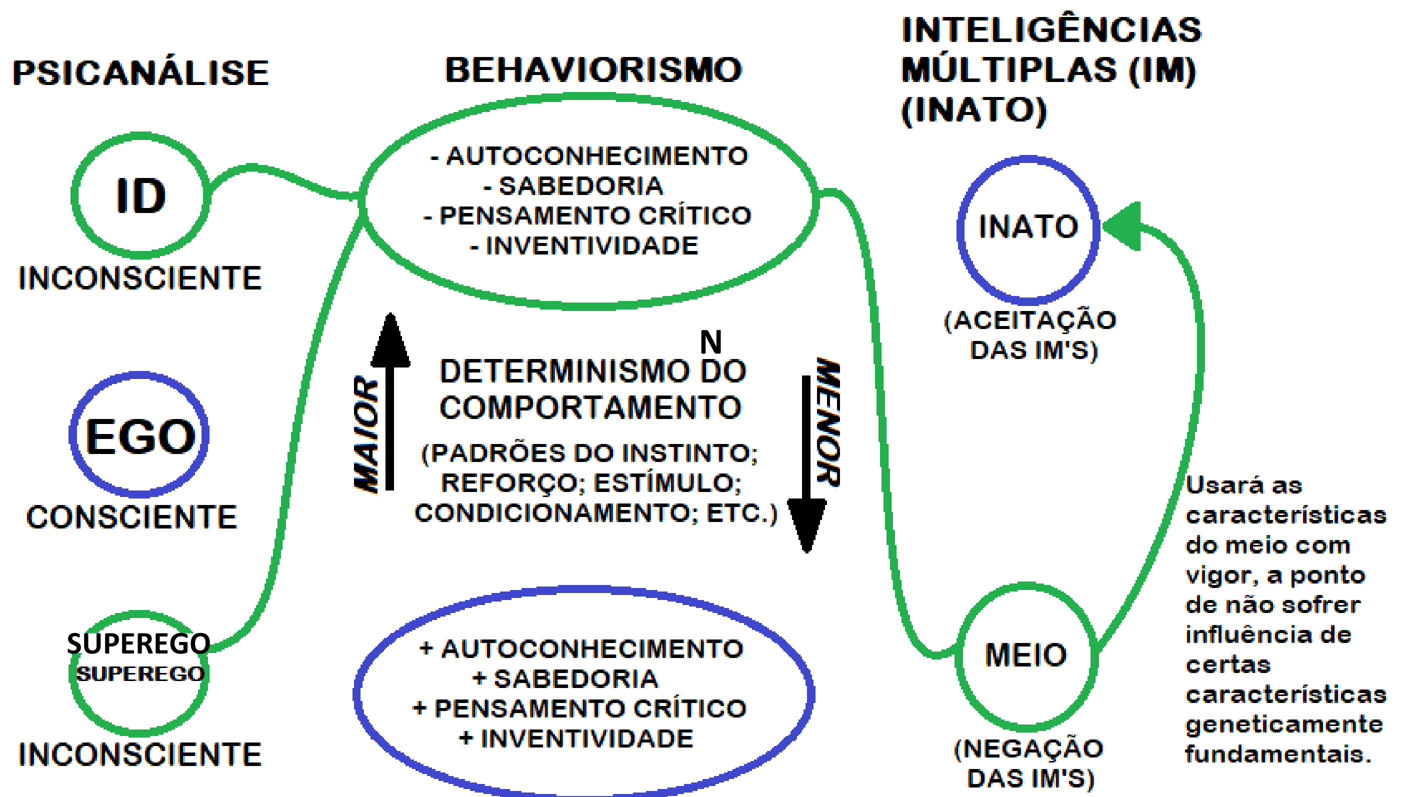
Sobre o problema Behaviorista (ciência do comportamento) ligado ao fato do homem não seguir todos os estímulos e diferenciar nas respostas, mesmo que esta diferenciação venha em momentos raros, Steve Pinker, psicólogo renomado, acredita que isso não ocorre por termos nos libertado de instintos primitivos, mas, pelo contrário, isso ocorre por termos mais instintos, reunidos em programas e postos para competir entre si. Que seja, aqui não faremos alusão a isto, mas sim ao fato da teoria Freudiana e Gardnerniana (IM) se adequarem mais aos homens que fogem destes estímulos, dando respostas especializadas e flexíveis.

Se pararmos para pensar, quando tento colocar a questão Psicanalítica sobre os aspectos mentais – ID; EGO e SUPEREGO - como justificativa para alguns comportamentos, sendo estes comportamentos aqueles que variam e contradizem as exigências behavioristas, não quero gerar dissemelhanças maiores do que as que já se apresentam. Porém, sim, demonstrar que talvez haja completude dos antagonismos.

Veja, o behaviorismo afirma, com razão, que se você passar um certo tempo sem o reforçador, é provável que ele passe a se mostrar poderoso, sendo isto uma privação. Ora, isto é efeito do SUPEREGO ou não é? Você ignora ou não efetua seus desejos, reprimindo-os, e esta privação gerará consequências negativas. E, quanto mais reprimir, mais poderoso é o desejo, podendo acarretar em problemas comportamentais sérios. Não obstante, a ciência behaviorista prova que se você recebeu muito desse reforçador, é provável que ele se mostre fraco; sendo agora um saciado. Veja, isto é nada mais nada menos que o ID. Pois o ID é a ação libertina de aceitar a bel prazer e se entregar a todos os

desejos. E quando assim se faz, os desejos vão se tornando cada vez menos prazerosos, ficando fracos, mostrando que o indivíduo que assim se porta se saciou. E a consequência na prática é a busca por mais desejos, podendo também ser prejudicial.

Estas questões servem para fazer alusão ao fato de que todo o conjunto teórico aqui abordado pode adotar, em certo ponto, uma perspectiva multifocal. Admitindo isto, o quadro que estamos estudando na imagem pode se tornar, agora, muito mais flexível. Pois quebra o pragmatismo de que o behaviorismo e a psicanálise não podem ser discutidos em unção, pois o primeiro olha o comportamento para poder entender o de dentro, enquanto o segundo olha o de dentro para poder compreender o comportamento. Também ficaremos inertes por termos noção de que a teoria behaviorista é contra a psicanalítica pelo fato de que esta coloca as causas mentais do comportamento como ficção e alega que elas não têm lugar na ciência; ou por aquela que estuda o inconsciente dizer que ele é o verdadeiro responsável. Então, diante desta metodologia, pergunto-me: por que não continuamos a explicar por partes?



Agora fica mais fácil. Olhemos, pois, as ligações de cor verde na tabela de estudo, pois elas servem para que possamos discorrer melhor sobre nossa linha de raciocínio.

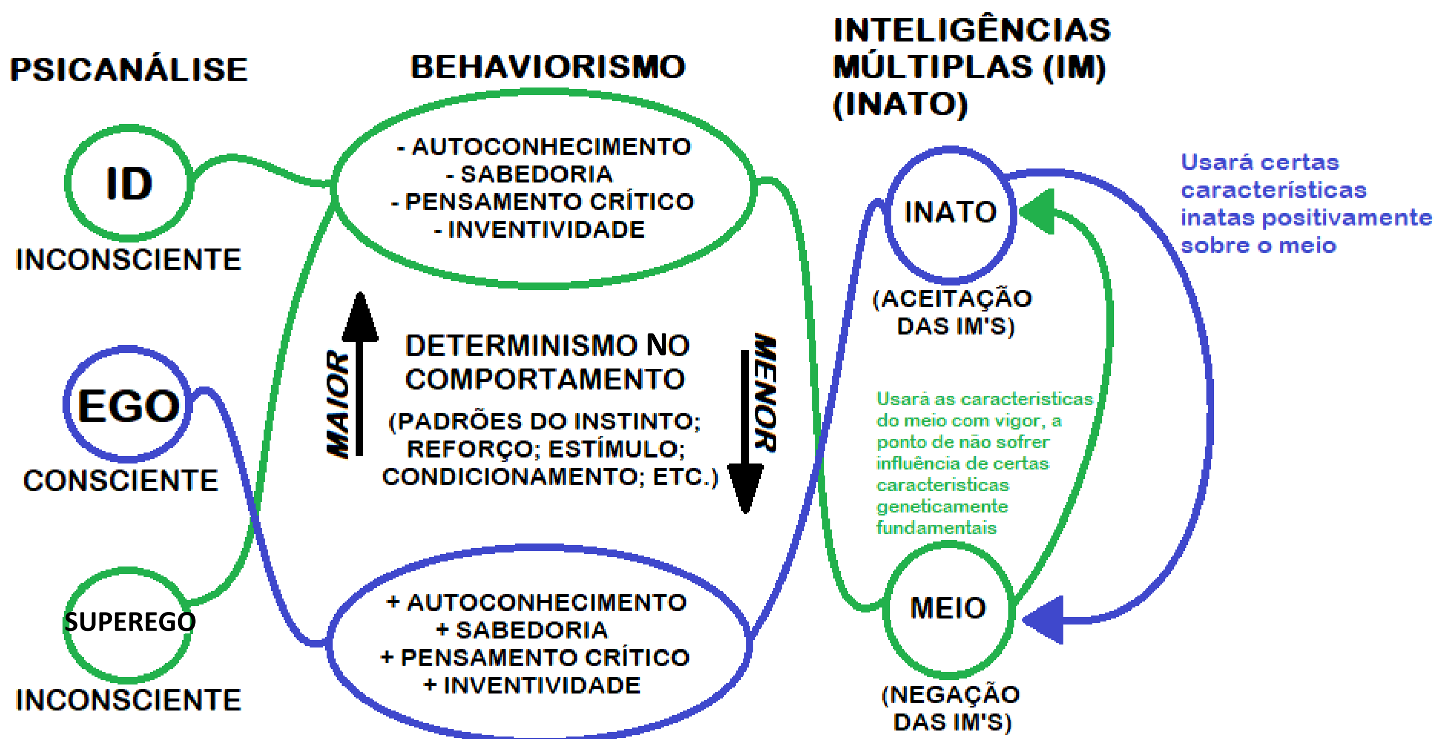
Vimos, contudo, que as leis comportamentais behavioristas, no que diz respeito aos padrões de comportamento determinados (olhar tabela), estão condizentes com algumas teorias psicanalíticas, isto é, o ID e o SUPEREGO; especialmente quando se trata de padrões determinados bem elevados, sendo

facilmente notados. Obviamente é por isto que o ID e o SUPEREGO atam-se à causa de ter estes padrões de estímulo e resposta comuns em demasia. E quais seriam estas causas?

"A TCE visa identificar o fato de que pessoas as quais não controlam seus desejos (ID) constantemente ou as quais refreiam em demasia o ato de satisfazer-se com algo (SUPEREGO) estão constantemente agindo por padrões de comportamento determinados e são passíveis de serem manipuladas". E alegamos sobretudo que a causa está enraizada na falta de autoconhecimento, que por sua vez gera ausência de sabedoria, de pensamento crítico e de inventividade, se assemelhando, com esta atenuação cognitiva e intelectual, aos mesmos padrões animalescos os quais observamos na natureza, em certas espécies de organismos. E, quando feito assim, se tornam adeptos aos estímulos do meio muito mais do que aos estímulos genéticos. Consequentemente, "Usarão as características do meio com vigor a ponto de não ter influências de certas características genéticas fundamentais".

Os que se apresentam neste quadrante, por sua vez, terão as IM, isto é, seu tipo de inteligência particular do qual foi dotado de maneira inata para fazer aflorar com o intuito de ser útil ao meio externo, totalmente ofuscadas e desconhecidas de si mesmo, e receberão facilmente os estímulos do meio. Podemos, claro, ver que a grande maioria se enquadra nisto, e que na nossa sociedade, seja em um passado remoto ou no devido presente, a quantidade de pessoas que estão nestas situações sempre foi massiva.

A problemática de agir por padrões de comportamentos triviais e gerados pelo meio externo está em torno da falta de autoconhecimento, ou de algum de seus aspectos. O interessante é que quando percebemos os praticantes destes, vemos que seus egos estão totalmente descontrolados. Sendo alguns egocêntricos e outros totalmente debilitados quanto à crença de que são capazes de atuar sobre este mundo. Pouco se nota, contudo, uma vontade perspicaz de buscar a verdade, de procurar saber quem és. Em alguns destes que estão alojados na "caverna" de Platão, percebemos falta de inventividade, sem pensamento crítico ou original: seguem apenas o que a via externa lhes dita. Sim, eu não nego que tudo pode ser ação e reação e que em relação a isto o behaviorismo esteja a frente, mas, acredito que uns se convergem mais para a teoria behaviorista, enquanto outros, como que dando trabalho aos analisadores, se divergem ou tentam divergir-se, pelo poder da criatividade. Para estes é que está mais perceptível o quão seu caminhar passa a adotar comportamentos mais complexos e diferenciados do rebanho, deixando-se, com isto, agir muito mais internamente – o que para o behaviorismo seria nada mais nada menos que comportamento privado -, aflorando os aspectos genéticos.



Como dito antes, se controlamos o ID e o SUPEREGO por meio do EGO, pois teoricamente esta é sua função, então ao agirmos assim, estaremos nos conhecendo melhor. É necessário buscar refletir sobre seus comportamentos a fim de saber se está se deixando levar demais para o lado libidinoso ou se o está refreando em demasia, e, após este reconhecimento, seja por pensamentos críticos que o ajudam a não ser facilmente influenciado pelo meio, ou seja por uma sabedoria que aguça a observação, ou até mesmo pelo aspecto inventivo que lhe diferencia da grande maioria que não conseguiria agir desta maneira, transviando seu comportamento do habitual, ainda assim teria que colocar em prática. E nesta atitude defendemos um maior autoconhecimento.

Como vemos na tabela, um maior autoconhecimento gera menos frequência de comportamentos determinados e padrões da natureza instintiva. Assumindo agora comportamentos mais complexos, estes são mais difíceis de serem visualizados em experimentos empíricos, isto porque eles não condizem frequentemente com a via externa, ou seja, o meio. Se olharmos na tabela saberemos que aqui, o indivíduo se encontra muito mais agindo em prol de suas heranças inatas afim de transformar o meio, do que vice-versa. As inteligências múltiplas agora serão passiveis de serem encontradas, e com isto a pessoa pode identificar-se com sua vocação.

Por isto que este estudo eu costumo chamar de “Filosofia do Comportamento”. Isto porque nunca foi meu intuito fazer ciência, meu dever é para com o aspecto filosófico das teorias divergentes, e meu pensamento é todo levado pela visão e técnica multifocal.

Facilmente expliquei as tabelas de estudo, no que tange à essência. E é interessante notar que a inventividade permeia uma polêmica, quando o assunto é livre-arbítrio ou determinismo.

Embora eu tenha admitido o forte poder da causalidade, nota-se que atribuo este oficio ao lado macrocósmico. Porém, quando o assunto é microcósmico (e as leis deste regem a do nosso mundo macro), estaremos abordando a física quântica, e esta alega que, nos meios micro (atômico e subatômico) tudo parece agir conforme o livre-arbítrio. Sabendo disto, percebemos que uma cabeça formada por trilhões de átomos está condizente com a lei determinista, pois é macro. No entanto, não podemos ignorar que cada átomo que se aglomerou para formá-la parecia agir de maneira livre. E o que tudo isto tem a ver com inventividade, que é um dos aspectos do autoconhecimento?

A pessoa que busca se autoconhecer por vezes é inventiva, ela faz coisas que se desviam das coisas feitas pela grande maioria, o que a leva a ser taxada, etc. Mas isto não convém ao caso. Fato é que quem transforma a matéria pode estar agindo muito mais de maneira livre porque suas ações são responsáveis por mudar o curso determinista tangível, visto que começou, em alguns aspectos da inovação, pelas leis que regiam a natureza micro, a animá-las. É por isso que acreditamos que a inventividade está de braços abertos para o autoconhecimento, distanciando o indivíduo dos padrões mais determinados possíveis. Ora, acreditamos que tudo pode estar sujeito a comportamentos casuais, contanto que saibamos perceber que alguns estão para menos como outros para mais. Agora, esta questão do determinismo versus o livre-arbítrio é a de maior respaldo aqui, sendo o dever de solucionar este problema algo sistemático.

DETERMINISMO VERSUS LIVRE-ARBÍTRIO E O AUTOCONHECIMENTO COMO INFLUENCIADOR (CONCLUSÕES FILOSÓFICAS)

Veremos, com o passar das entrelinhas, que praticamente toda a TCE está voltada à investigação da luta conflitante entre o determinismo versus livre-arbítrio. E que, não somente para ela, como para praticamente todas as linhas que visam isto estudar, estes dois pormenores estão ligados direta ou indiretamente às ações humanas. Consequentemente, estas ações são o que vão moldar seus comportamentos, o foco deste estudo.

É necessário resgatar o passado no tocante a esta questão, pois a muito ela vem sendo discutida. Consideremos, pois, a visão de Santo Agostinho. Para Agostinho, o homem é um ser livre, mas que está amarrado aos determinismos interiores das paixões e dos instintos.

Para nós o raciocínio é praticamente o mesmo, porém, utilizando-se de metodologia explicativa diferenciada, é que defendemos que aqueles ligados à selvageria, cujo intelecto e a alimentação cognitiva são atenuados (paixões e instintos), tendem, querendo ou não, a serem mais facilmente influenciados pelo meio a sua volta e consequentemente seus estímulos. Já os que estudam a fim de aprimorarem seu poder intelectivo, e que buscam o autoconhecimento, que por sua vez é entendido como sabedoria, entrementes, tendem a se afastar das vicissitudes mundanas e terem um olhar mais crítico, podendo, por sua vez, serem “livres” a ponto de moldar o seu destino, em outras palavras, podendo agir com livre-arbítrio – em maior parte das vezes – e ignorar um estímulo aqui e outro acolá.

Estas questões têm sido abordadas enfaticamente por grandes homens no passado, no entanto, como eles não tinham sobre seu arsenal uma metodologia mais cientifica, eles faziam uso de outros termos para tentar explicá-las.

Um bom exemplo é Descartes. Este filósofo acreditava que a alma era afetada por sentimentos e por sensações relacionadas às necessidades corporais. Mas a alma também poderia se libertar de tais impulsos, considerados “inferiores”, e agir independentemente do corpo. O objetivo seria deixar a razão assumir o controle, uma vez que, independentemente de quão severa seja a minha dor de barriga, a soma dos ângulos internos de um triângulo sempre será cento e oitenta graus. Desta maneira, o pensamento poderia se elevar acima das vicissitudes do corpo e galgar o patamar da “razão”. Ou seja, para Descartes, a alma é a própria razão. Sentimentos inferiores e vis, como o ódio e o desejo, são urgências ligadas às funções corporais, portanto à realidade material.

Sua interpretação chega na mesma proporção e resultado que aquela que demos ao Agostinho, logo acima. E implica no fato somente da possibilidade do agir pelo livre-arbítrio ou pelo determinismo, sendo colocadas, suas mediações, em vista do apego à matéria e aos impulsos que emanam dela, ou não. Utilizando, na primeira opção – e mais vil – da falta de saber, prejudicando a razão. E no segundo, da protuberância do mesmo, salientando-a.

Vemos, então, no que se refere à TCE, que enquanto o autoconhecimento adquire como qualidade as características inatas, fazendo estas serem libertadas para o ser e as do meio sendo menos influentes, a falta dele impedirá que suas qualidades inatas sejam postas em voga para seguir tão somente o meio ao seu redor.

Ora, não são estas linhas de raciocínio inerentes ao que a TCE propõe? Aliás, são elas tão parecidas entre si que, sendo a filosofia comportamental “TCE” formada em um tempo posterior, é que se faz justa a afirmação de que apenas fomos influenciados por grandes pensadores que já contribuíram com esta maneira de pensar, e com pelos quais moldamos um outro caminho, mais enveredado, aproveitando-nos do arsenal de informação histórica deixado, para formar nossa conjuntura teórica.

Daqui, percebemos porventura uma outra maneira de pensar, ditada por homens que viveram em tempos ainda mais antigos. Se tem notado uma discussão que vêm ocorrendo há tempos infindáveis. Aristóteles argumentava que os astros tinham controle sobre os “bens externos” do homem (pais, amigos, riqueza, etc.), mas não sobre as virtudes morais e intelectuais, que ele chamou de “bens da alma”. Deste jeito percebemos seu estado convicto em respeito ao determinismo externo diante de todos os homens que passam por estas leis em que ele, com veemência, acreditava. Dizia, portanto, que estas leis externas não adentravam nos aspectos racionais, introspectivos e cognitivos humano.

Já aqui percebemos que Aristóteles, um pouco diferente de Descartes e Agostinho, alegava também a existência dos dois, intentando ao fato de que o determinismo não atingia as questões intelectivas (autoconhecimento), mas sempre afetaria tudo aquilo que é relativo ao observador, em natura. Percebemos, felizmente, concomitâncias com nossa maneira de pensar, embora haja linha tênue.

Mais interessante ainda é saber que o determinismo astrológico fomentado pelo filósofo grego parece ter sido refutado mais tarde por São Tomás de Aquino, que, insinuando, escrevera que “os astrólogos têm o costume de dizer que o homem sábio governa as estrelas, já que ele governa suas próprias paixões”. Aqui se apresenta uma condição totalmente condizente com a maneira de pensar da TCE e sua tabela demonstrativa. Pois o homem sábio (que tem autoconhecimento), a partir do momento em que este caractere lhe torna responsável pelo poder de governar as estrelas, faz com que o mesmo esteja imbuído de livre-arbítrio sobre o palco externo em que vive. E com esta frase, indo além, há também insinuação, obviamente, de que o homem néscio, que é o antônimo de sábio, é governado pelos astros. Não obstante, este raciocínio mostra o oposto e é salientado também na nossa tabela demonstrativa, pois quem é néscio tem o ID e o SUPEREGO alavancados, por sua vez estes agem muito mais pelos padrões comportamentais arcaicos (comportamentos reflexivos, operantes, etc.).

Na Teoria Comportamental Enziana nós não acreditamos na generalização. E dizemos que, do mesmo modo que os Empiristas e Racionalistas discutiram quem estava correto durante milênios, percebendo só depois de muito tempo que ambos tinham pontos corretos e pontos errôneos, a discussão entre determinismo versus livre-arbítrio também segue linha de raciocínio paralela, e que, tanto uma como outra podem entrar em voga na vida individual humana, a depender de certas circunstâncias e pormenores.

Seguindo Gardner, vamos que as inteligências pessoais como competências e habilidades especificas permitem que os seres humanos se descubram e transformem sua realidade para fazer do mundo um lugar melhor. Isto implica justamente no fato de que, qualquer pessoa que entre nas IM adquire mais autoconhecimento. Ou vice-versa, qualquer pessoa que adquira mais autoconhecimento está sujeita a adentrar nos valores que as IM sujeitam a ela, podendo, também, transformarem sua realidade.

Acredita-se que as características inatas têm se mostrado atenuadas pelo meio devido ao fato do único modo de a tirar do estado latente nas pessoas ser provocando o autoconhecimento. Assim, se, por exemplo, uma pessoa me diz que evita ver vídeos de agricultura animal porque tem receio de ver a desumanização e a brutalidade de um sistema de escravatura velado, e também pois isto a faria não mais conseguir comer a carne temperada a qual tanto saboreia, e assim, evita assistir o documentário somente pelo fato de querer continuar comendo este alimento que provavelmente não é inerente à nossa estrutura fisiológica e nosso organismo, então ela está deixando de adquirir conhecimento sobre sua natureza e a natureza de sua espécie para que possa continuar alimentando-se de maneira gulosa (ID). Então o meio sobrepuja os interesses internos dela, que almejam um alimento que lhe ovacione maior saúde física e mental. Este estado de atenuação do meio tem estado intrínseco em toda uma sociedade, fazendo do meio o principal fator de coletivização do desenvolvimento subjetivo individual humano, tirando-nos nossa individualidade, e consequentemente nossos princípios genéticos que nos favorecem.

Lembrai que os sábios não apresentam, como bem falou Jesus aos Fariseus, seus corpos como sepulcros imaculados, limpos por fora, mas, cheios de desolação por dentro. Assim, se uma pessoa dita espiritualista, que alega ser “Reikiana”, ou praticar “Diksha”, ou alega entender não somente a teoria, mas a prática de temas como projeciologia; chakras; kundalini; nirvana; eneagrama; teurgia; etc., mas, todo dia coloca em seu prato sangue inocente, então esta mesma não tem autoconhecimento e nem procura ter sobre si mesma, o que acarreta no fato de que ela vive mais uma mentira do que uma verdade em seu comportamento verbal e está longe de ser considerada uma espiritualista de verdade, quanto mais de compreender os efeitos da taumaturgia. Pois em verdade é que escrevo que só passando pelo Êxtase Divino para entender que nenhum sangue inocente deve ser jorrado para alimentar sua gula desvairada. Mas, quanto a estes assuntos: não convêm ao caso. O que nos convém é o fato de que a falta de autoconhecimento elicia a receber maiores estímulos do meio e agir em cima de todos eles como reforçadores.

Algumas pessoas alegam que quando recebemos muito mais estímulos do meio e que por certa medida estes apagam nossas características íntimas, isto faz com que trabalhemos mais com o hemisfério esquerdo do cérebro, responsável pela lógica, do que pelo direito, responsável pela abstração. Mesmo sabendo que o nosso cérebro é dividido em dois hemisférios e entendendo que cada um deles é composto por certas funções, pelas quais o lado imaginativo marca o direito e o lógico, por sua vez, o esquerdo, não posso afirmar que isto é fato e tampouco fazer apologia para com esta questão. No entanto, ainda posso me aproveitar deste valor informativo para dizer-lhes que, se me permitem, caso este assunto ligue-se à fidedignidade, então ele é um reforçador para defender a ideia por trás da inventividade. Pois, como vimos anteriormente, a inventividade é um atributo do autoconhecimento (ou da tentativa de autoconhecer-se). E se a própria tem como sua ação a criatividade, então ela é atributo do hemisfério direito, do qual, segundo alguns especulam, e eu torno a

disseminar esta informação, faz parte mais dos que agem conforme o interior e os estímulos internos para com o meio externo, do que daqueles que trabalham com o hemisfério esquerdo em demasia – que são a grande maioria – e recebem muito mais os estímulos do meio. Admitindo que não sei se tal informação é verossímil, alego que, se fosse, seria de utilidade enorme, pois estaria ajudando na questão de resolver o problema do determinismo e seu contraposto.

Agora, neste desfecho, e, salvando a congruência que se iniciou nesta conversação, é que digo, no que tange aos pilares da Psicanálise, responsáveis por dar vida a TCE, que percebemos que o impetuoso anseio de querer saciar os desejos que o meio provoca (ID), ou o extremo controle que coloca em si mesmo pela insegurança da reação do meio em que se encontra (SUPEREGO), acabam subjugando qualquer pensamento ou ação provenientes do intelecto. Não que o intelecto e a moral estejam atenuados, mas o mesmo não consegue usá-los em proveito contra as influências do meio.

Fazendo com que fique mais fácil receber os estímulos, e, como trabalhar com o EGO a fim de controlar o ID e o SUPEREGO é algo raro nos humanos, a grande maioria, como mostra os estudos behavioristas, acaba cedendo aos estímulos por uma resposta a que eles queriam nos direcionar, isto é, o determinismo.

Já nos pilares genéticos, as IM são características inatas que estão além dos instintos básicos, mas também fazendo parte do DNA. Cabe ao ego trazer à tona essas características que são positivas, pois são as inteligências que este ou aquele ser humano nasceu para exercer, a fim de alterar o meio e consequentemente não seguir os comportamentos simultâneos e iguais, limitados pelo behaviorismo. E as IM só serão ativas com o controle total do EGO sobre o ID e o SUPEREGO. E quando isto acontece, embora raramente, vemos que estes indivíduos têm seus comportamentos muito mais excêntricos e passiveis de erro na sugestão generalista da sujeição ao simples estímulo-resposta behaviorista.

O behaviorismo alega: “Todo o comportamento é determinado, direta ou indiretamente, pelas consequências”.

É valendo-se da informação de que os fenômenos humanos que não assumem um modelo finalista demonstram boas evidências de que o “agir” é uma resultante proveniente da IM, que refutamos a frase behaviorista, alegando, nós, que fugimos do determinismo quando usufruímos da IM, pois passamos a nos conhecer e impedir que o comportamento seja movido pelos atributos do inconsciente. Assim, atenuamos também as contingências de sobrevivência – instinto – pelo sobrepujamento do intelecto e da razão. Mas as contingências de reforço, por sua vez, jamais estarão excluídas e nem mesmo as de sobrevivência, somente atenuadas e em parte deixarão de ser totalmente determinísticas.

Ora, o próprio Skinner nos diz que o comportamento operante sob reforço positivo se distingue pela ausência de qualquer acontecimento imediatamente antecedente que pudesse servir como causa plausível, e, em consequência,

tem-se afirmado que ele mostra uma causa interior chamada livre-arbítrio. Não seria isto, pois, que desejamos galgar aqui sobre as entrelinhas? Pela qual alguns conceitos Psicanalíticos são sim importantes. Não seriam, também, estes conceitos Psicanalíticos apenas uma maneira diferente de explicar os fenômenos por trás dos comportamentos humanos, sendo as duas vertentes tentativas de demonstrar uma e a mesma coisa? Obviamente, sempre haverá minúcias que tornam ambas diferentes aqui e acolá, mas no contexto geral, por que não?

A TCE gosta de dizer que o behaviorismo acredita que temos que mudar o ambiente para alterar o comportamento. E concordamos com isto. Postulamos também que o ambiente deve propiciar o encontro do homem com o autoconhecimento para assim surgir as características das IM. Isto porque os aspectos mentais negativos são uma abstração provocada pelo que os estímulos fazem com que os sentidos captem do meio, e o ID, EGO e SUPEREGO podem ser uma das maneiras de se portar diante de determinadas influências.

Acredito que já passamos por explicações em cima de explicações em torno deste estudo, bem como do quadro demonstrativo, o qual fizemos questão de ilustrar. Também estou convicto de que o caro leitor entendeu o raciocínio e pelo menos conseguiu captar a ideia central da TCE.

Embora eu tenha discorrido pormenorizadamente, fica, ainda assim, importante ressaltar mais uma vez que aqui trato tão somente de um aspecto da filosofia comportamental, e que com isto não se deve olhar o delineamento como tentativa de alcançar certo pragmatismo. Também se torna eficaz alentar-vos de que este estudo não defende mais uma teoria que outra e que, embora eu tenha confrontado mais as questões behavioristas, refutando boa parte delas, do que as das IM ou Psicanalítica, assim o fiz porque o behaviorismo é o que mais se volta para refutar o mentalismo, e não vice-versa. Além disso, as IM não entram na TCE como tentativa de unificação ou por ser uma informação idiossincrática e incabível no behaviorismo, mas sim como adendo.

Deixo a todos meus cumprimentos e espero, com honestidade, nunca mais querer sanar nenhuma dúvida sobre o determinismo e o livre-arbítrio e, se um dia eu me tornar – pois almejo – um físico, podem ter certeza que ficarei longe destas ponderações, pois nunca mais quero deixar meus pensamentos trepidando-se na loucura por noites a fio na tentativa – sentida por mim como inútil – de sanar estas dúvidas. Adeus.